

## RESENHA

BALTAR, Marcos. **Competência discursiva e gêneros textuais: uma experiência com o jornal de sala de aula.** Caxias do Sul, RS: EDUCS, 2004. 173 p.

Resenhado por Adair Bonini (Universidade do Sul de Santa Catarina)

Este livro, adaptação de uma tese de doutorado defendida em 2003, possibilita interessantes reflexões aos envolvidos com o ensino de linguagem, em especial aos interessados em produção textual no ensino médio. Trata-se do relato, e conseqüente análise, de uma experiência de ensino em dois colégios de Porto Alegre.

Ao recorrer às noções de competência discursiva, gênero textual e projeto didático, Baltar constrói uma experiência inovadora e diametralmente oposta à tradicional concepção de ensino de produção de texto,<sup>1</sup> motivo pelo qual revela-se de grande utilidade aos professores da educação básica (ensino fundamental e médio). Possibilita, a esses profissionais da educação, uma paisagem bastante nítida das dificuldades e benefícios da implementação de formas inovadoras de ensino. Além disso, serve como um pano de fundo a partir do qual o professor poderá pensar a sua prática e inovações dentro do mesmo tipo de experiência.

Outro público leitor que poderá se beneficiar desse material são os pesquisadores do ensino de linguagem e da educação de modo geral, bem como os analistas do texto e do discurso. A experiência de ensino relatada traz retorno para a pesquisa em didática, de modo geral, mostrando-se relevante especialmente aos estudiosos da pedagogia de projetos. Além disso, ao discutir as peculiaridades da emergência de um gênero textual no contexto escolar (o jornal de sala de aula), produz resultados relevantes para os estudos de texto e discurso.

---

<sup>1</sup> Entende-se aqui por orientação tradicional do ensino de redação aquela que dá ênfase a aspectos formais da linguagem e emprega exercícios de treino e fixação, tendo por base uma postura prescritivista decorrente de uma visão positivista da ciência e do saber.

O livro está organizado em duas partes. A primeira, contendo três capítulos, é O percurso teórico. O primeiro desses capítulos discute a noção de competência, concentrando-se principalmente nas proposições de Chomsky (1957), Hymes (1971) e Perrenoud (1999). É a partir da revisão histórica do desenvolvimento dessa noção que Baltar postula o seu conceito de competência discursiva. O segundo capítulo, sobre os gêneros textuais, traz uma exposição sobre classificações empreendidas no estudo desse fenômeno e a exposição da teoria de base do trabalho, a abordagem interacionista sócio-discursiva proposta por Jean Paul Bronckart (1985, 1999) e desenvolvida no Brasil, entre outros, por Anna Rachel Machado (1998, 2005). No terceiro capítulo, o autor faz uma síntese das teorias, noções e conceitos considerados no estudo. Procura, assim, contextualizar o leitor quanto o modo como a experiência de ensino foi construída e, conjuntamente, apresentar os motivos dessa empreitada. A segunda parte do livro, com o título O jornal de sala de aula, é onde o autor expõe de fato a implementação e os resultados de sua pesquisa. No primeiro dos dois capítulos dessa parte, há o relato histórico de como a experiência de ensino foi realizada em duas escolas em momentos distintos. Nesse capítulo também o autor procura contextualizar o leitor quanto à função do jornal na escola, bem como quanto às experiências que têm sido desenvolvidas nesse sentido. No último capítulo, é realizado o relato do transcorrer da experiência bem como dos resultados alcançados.

Cabe acrescentar aqui também outros aspectos favoráveis em relação à organização do livro. O primeiro deles é a excelente e atual bibliografia considerada no estudo. O segundo é a incorporação, como anexo, de alguns dos jornais produzidos pelos alunos. Isso não só confere credibilidade e clareza ao estudo, como torna a leitura mais agradável. O terceiro aspecto relevante são as introduções de duas importantes pesquisadoras desse campo de estudos: Anna Rachel Machado (texto da orelha) e Angela Kleiman (prefácio).

Há poucos pontos no trabalho sobre os quais se possa levantar algum questionamento. Um deles diz respeito ao conceito de competência discursiva, que poderia ter sido explorado em maior profundidade seja em relação ao trabalho de Perrenoud (op. cit.) seja em relação ao de Bronckart (op. cit.). Cabe lembrar ainda que a noção de competência é controversa, pois a sua interpretação é variável de acordo com o observador. Não é difícil determinar a competência, quando se trata de um ensino profissionalizante, uma vez que

ela é, de certo modo, estabelecida no próprio meio. Em termos da educação básica, contudo, essa noção pode variar bastante, pois é estabelecida em função das demandas futuras a que o aluno estará submetido. A determinação dessa demanda pode divergir consideravelmente entre os vários teóricos que venham a discutir o tema. Sendo controverso, seria aconselhável que o autor tivesse argumentado mais em favor de sua proposta.

Outro aspecto que, de certo modo, fragiliza o trabalho é o recurso que Baltar faz, no capítulo 2, ao artigo de Petitjean (1989). A classificação de gênero que esse autor propõe é pouco clara e não traz grande contribuição para as discussões teóricas postas no livro. Dado que a maioria dos estudiosos (incluindo Bronckart) defendem a idéia de que as tipologias de gênero são artificiais e infrutíferas, o trabalho ganharia mais caso o autor tivesse aproveitado esse espaço para aprofundar as relações do termo competência discursiva com o aporte teórico do interacionismo sócio-discursivo.

Quanto aos aspectos positivos, vários podem ser mencionados. Entre as qualidades da experiência realizada, é possível mencionar o fato de o pesquisador/educador ter conseguido implementar práticas que fogem bastante à artificialidade da produção escolar tradicional. Isso decorre, principalmente, de Baltar ter recorrido a (ou construído) um gênero que é ao mesmo tempo “suporte”, o que permite a imediata circulação social dos textos produzidos.

É importante notar adicionalmente que o jornal produzido passa, de certa maneira, durante a experiência, de um caráter “escolarizado” para “escolar”<sup>2</sup>. Ao desenvolver-se desse modo, a experiência revela aspectos interessantes sobre o que constitui um gênero, e isso é bem explorado pelo autor, ao mostrar que as condições de produção escolares influíram sobremaneira na construção dos textos, levando esse jornal a se caracterizar, de fato, como “jornal de sala de aula”.

Dois aspectos podem ser vistos como bastante relevantes no que tange à eficiência das práticas construídas em sala de aula. O primeiro deles é o próprio surgimento de gêneros jornalísticos escolares. Nas palavras de Baltar (p. 138):

---

<sup>2</sup> Rojo (2000) postula que os gêneros ocorrem sob duas formas na escola: como “escolares”, quando servem como instrumento de comunicação na instituição escolar, e como “escolarizados”, quando são tomados como objetos de ensino.

[...] a pesquisa estava apontando para o surgimento de gêneros textuais novos, que poderiam ser denominados de *gêneros textuais jornalísticos escolares*. Assim, a entrevista feita por Ricardo para a *Gazeta* poderia ser classificada como pertencente ao gênero entrevista escolar; a reportagem das alunas do *Testemunha Ocular* poderia ser classificada como pertencente ao gênero reportagem escolar. A notícia escrita por Igor seria classificada como notícia escolar.

O segundo aspecto importante neste sentido é o fato de os alunos terem se envolvido efetivamente na atividade, sendo que muitos deles conseguiram chegar a produções autênticas. Esse envolvimento é, provavelmente, o fator que garantiu a emergência dos gêneros como escolares e talvez seja o que melhor revela a eficiência do trabalho com um projeto desse porte. Tais alunos conseguiam visualizar um interlocutor e se preocupavam com isso, conforme se pode notar nesse trecho do livro (p. 139):

Um ponto interessante do trabalho [...] foi a crítica voraz de alguns alunos, que se sentiram prejudicados pelo fato de a impressão de sua seção ter apresentado problemas de digitação. Os alunos, chamando a atenção para os problemas de textualização: ortografia, acentuação e até mesmo sintaxe, demonstravam seu interesse em preservar-se da pecha de escrever *errado*.

Em termos de uma reflexão sobre o ensino de produção textual, o relato dessa experiência leva a pensar pelo menos dois temas bastante relevantes. Primeiramente, é possível uma reflexão sobre quais são os gêneros mais e menos produtivos em um jornal de sala de aula. A entrevista e a reportagem, por exemplo, revelaram-se mais produtivos em relação à crônica que, conforme o autor (p. 131), foi pouco atrativa aos alunos. Outra reflexão importante é a de qual papel o professor pode assumir na condução da experiência, pois ele precisa decidir quais aspectos ficarão totalmente a cargo dos alunos e quais serão dados como incumbência. Em face de seus objetivos de ensino, precisa, portanto, solicitar que algumas seções específicas sejam incluídas no jornal e que alguns temas sejam considerados.

De modo geral, pode-se dizer que se trata de leitura não só prazerosa como de grande importância aos interessados em melhorar as práticas e, portanto, a qualidade do ensino no país.

## REFERÊNCIAS

BRONCKART, J. P. **Le fonctionnement des discours**: un modèle psychologique et une méthode d'analyse. Lausanne: Delachaux & Niestlé, 1985.

\_\_\_\_\_. **Atividade de linguagem, textos e discursos**: por um interacionismo sócio-discursivo. Tradução de Anna Rachel Machado. São Paulo: Educ, 1999.

CHOMSKY, N. **Syntactic structures**. The Hague: Mouton, 1957.

HYMES, D. H. On communicative competence. In: PRIDE, J. B.; HOLMES, J. (Eds.). **Sociolinguistics**. Harmondsworth: Penguin Books, 1971.

MACHADO, A. R. **O diário de leituras: a introdução de um novo instrumento na escola**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

\_\_\_\_\_. A perspectiva interacionista sócio-discursiva de Bronckart. In: MEURER, J. L.; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D. (Orgs.). **Gêneros: teorias, métodos, debates**. São Paulo: Parábola, 2005.

PERRENOUD, P. **Construir as competências desde a escola**. Porto Alegre: Artmed, 1999.

PETITJEAN, A. Les typologies textuelles. **Pratiques**, n. 62, p. 86-125, 1989.

ROJO, R. Interação em sala de aula e gêneros escolares do discurso: um enfoque enunciativo. In: CONGRESSO NACIONAL DA ABRALIN, 2, Florianópolis, 1999. **Anais...** Florianópolis: ABRALIN; UFSC, 2000.

Recebido em 19/05/05. Aprovado em 28/06/05.